

HISTÓRIA OU SOCIOLOGIA?

A ÉTICA PROTESTANTE E O 'ESPÍRITO' DO CAPITALISMO EM DEBATE¹

Carlos Eduardo Sell²

RESUMO: O mais conhecido texto de Max Weber – *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo* – é um livro que, ainda hoje, provoca inúmeras controvérsias. De fato, a vinculação estabelecida por Weber entre determinadas formas de conduta religiosa e seus reflexos na esfera econômica já engendrava polêmicas logo após a publicação do livro deste pensador. O objetivo deste artigo será retomar estas polêmicas, contextualizando o debate. Na primeira parte situam-se as obras antecedentes com as quais Weber estava em diálogo e, na parte seguinte, contemplam-se os esclarecimentos do autor a seus críticos diretos. Através da revisão da história da obra pretende-se contribuir para o esclarecimento da natureza epistemológica, bem como levantar subsídios para a determinação específica do conteúdo deste importante escrito weberiano.

PALAVRAS-CHAVE: Weber, religião, capitalismo, protestantismo, Ética Protestante.

ABSTRACT: The most famous Text from Max Weber - The Protestant Ethic and the 'Spirit' of Capitalism - is a book that even today causes many controversies. In fact, the linkage established by Weber between certain forms of religious conduct and its consequences in the economic sphere has engendered controversy following the publication of this book. This paper will take up these controversies, contextualizing the debate. In the first part are situated the antecedents works with which Weber was in dialogue and in the next part, it is contemplated the clarification of the author to direct his critics. By reviewing the history of the work is intended to contribute to clarifying the epistemological as well as raising funds for the specific determination of the content of this important Weber's book.

KEYWORDS: Weber, religion, capitalism, Protestantism, Protestant Ethic.

Na história das idéias sociais, poucas obras ocupam um posto tão central quanto o célebre escrito weberiano *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo* (doravante EP). A canonização deste escrito como texto clássico das ciências histórico-sociais alçou a sua tese central – o vínculo entre certas práticas religiosas e a vida econômica moderna – a uma

¹ Uma versão anterior deste texto foi apresentada no III Encontro Nacional do GT de História das Religiões e da Religiosidade, realizado em Florianópolis, entre 20 e 22 de outubro de 2010.

² Carlos Eduardo Sell é Doutor em Sociologia Política (UFSC) e Pesquisador do CNPQ (Produtividade em Pesquisa). Publicou, pela Editora Vozes, os livros “Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber” (2010) e “Introdução à Sociologia Política: política e sociedade na modernidade tardia” (2006). Junto com Franz Josef Brüseke, também é autor do livro “Mística e Sociedade” (2006), publicado pela Editora Paulus. Seu tema de pesquisa é a questão da racionalidade e da racionalização no pensamento de Max Weber.

das mais debatidas e polêmicas questões da história social. No Brasil, o texto da *Ética Protestante* (cuja primeira tradução foi realizada pela por Maria Szmrecsányi e Tamás Szmrecsányi, em 1967 - a partir da versão em inglês, de Talcott Parsons - e, mais recentemente, a partir do original alemão, coordenada por Antônio Flávio Pierucci³) sempre exerceu uma influência decisiva e marcante no desenvolvimento das humanidades e na formação dos pesquisadores sociais. Mas, apesar da enorme difusão de seus escritos e da reiterada difusão de suas idéias, as pesquisas e publicações sobre este livro têm permanecido, em regra, apenas no nível da descrição ou divulgação. Malgrado o caráter incipiente do debate, há que se destacar que algumas contribuições recentes (DIEHL, 1996; PIERUCCI, 2003; VILLAS-BÔAS, 2001; TEIXEIRA E FREDERICO, 2010) têm se dedicado tanto à determinação do estatuto epistemológico quando à temática substantiva da EP, ou seja, questionando tanto seu “objeto formal” quanto seu “objeto material”. Colocando-se ao lado desta discussão, este trabalho parte da premissa de que a inserção do escrito weberiano em seu contexto histórico e intelectual é condição essencial para seu processo de compreensão. Consoante os procedimentos recomendados atualmente pelo estudo da chamada “história das idéias” (JASMIN e FERES JÚNIOR, 2007), pretende-se levantar subsídios que nos permitam identificar qual a originalidade e especificidade da tese weberiana.

Nesta direção, o propósito específico deste artigo é resgatar o processo de gênese da primeira versão da EP elaborada por Weber entre 1904/1905, sua posterior evolução, bem como os debates posteriores que ela gerou. Deste esforço resultam importantes elementos que nos permitirão elucidar m que contexto disciplinar e, principalmente, qual o alcance do conteúdo da EP. Embora esta investigação não partilhe da crença na possibilidade de reconstruir *in totum* as intenções últimas de um escrito teórico (enredado, como assinala Gadamer (1998), em um círculo hermenêutico que, ao adensar-se, conforma uma tradição), entende-se que a recuperação histórica do contexto intelectual e lingüístico constitui um caminho privilegiado que, atento aos riscos do anacronismo, nos permite uma maior

³ As referências são as seguintes: WEBER (1967 e 2004)

aproximação ao sentido de um texto, neste caso, deste escrito fundamental para todas as áreas das ciências humanas que é *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*.

1. A gênese da EP e sua natureza disciplinar

Não há manual de sociologia que não credite a Max Weber o heróico título de ser um dos “pais fundadores” desta ciência. No entanto, entre os especialistas, a determinação da abordagem científico-disciplinar a qual está vinculada a EP está longe de ser consensual. Para Mata (2006), por exemplo, a interpretação sociológica da EP não passa de um mito, visão à qual se contrapõem, dentre outros, os estudos de Teixeira e Frederico (2010), que insistem na natureza especificamente sociológica do escrito. Não menos distinta é a posição de Richard Swedberg (1995), pesquisador internacional que entende ser todo o conjunto do pensamento weberiano (aí incluída a EP) nada mais é do que o desenvolvimento de uma versão “alemã” de ciência econômica, tal como a entendia a escola histórica de economia, corrente de pensamento predominante naquele tempo. História, sociologia ou economia? Qual é, afinal, a perspectiva que orienta o estudo de Weber? Ao nos voltarmos para a “história da obra” (*Werkgeschichte*), veremos que o estatuto da obra de Weber comporta uma complexidade muito maior do que uma rígida separação entre a dimensão histórica, social ou econômica tende a supor. Examinemos, pois, o contexto histórico no qual a obra se coloca.

1.1. Gênese

Ao comparar a significação dos processos históricos da Alemanha em comparação com Inglaterra e França, Karl Marx (1991, p.113) ironizou sua pátria natal afirmando que os alemães realizaram suas revoluções nas nuvens: “assim como os povos antigos viveram sua pré-história na imaginação, na mitologia, nós, alemães, vivemos nossa pós história no pensamento”. Mais do que constatar que o suposto atraso histórico Alemanha, o pai do materialismo histórico sugere que a hegemonia do idealismo hegeliano seria reflexo da intensidade dos processos religiosos e espirituais que ocorreram durante a reforma luterana do século XVI. A singularidade e especificidade dos movimentos religiosos que marcaram

a história da Alemanha e, a partir daí, toda a configuração social da modernidade, não foram percebidas apenas (negativamente) por Karl Marx. Tratava-se de um tema recorrente, compartilhado por diversos pensadores sociais alemães, que não tinham como não ser afetados, em suas reflexões, por um evento de tamanha magnitude. A começar pela própria fonte do pensamento de Marx, o filósofo Hegel que, em suas *Lições sobre a filosofia da história* (HEGEL, 2001), viu na reforma protestante o passo culminante da evolução do Espírito Absoluto - em sua fase religiosa - na história. Logo, ao debruçar-se sobre o papel do protestantismo na gênese das formas modernas de vida, Weber não chegava a este tema de modo isolado e inusitado, pois compartilhava de um ambiente intelectual no qual o tema da influência histórico-social do protestantismo, longe de ser secundário, estruturava o debate e condicionava o próprio surgimento dos saberes e disciplinas dedicados à história e a vida social⁴.

Quanto ao tema do capitalismo, basta-nos recordar que esta era uma questão central no debate alemão, pelo menos, desde os trabalhos de Karl Marx (*O Capital*, 1887) e Friedrich Engels, até chegar às teorizações dos principais teóricos marxistas contemporâneos de Weber: Karl Kautsky e Eduard Bernstein. Na Alemanha, a Escola Histórica de Economia também visava refletir sobre a modernização econômica capitalista do país, mas buscava uma alternativa para o evolucionismo marxista, ao mesmo tempo em que se distanciava da nascente escola marginalista de pensamento econômico que se desenvolvia, com particular força, na Áustria. Max Weber, como é largamente conhecido, exerceu seu magistério como professor de Economia Política e estava estreitamente vinculado com a geração mais jovem da Escola Histórica Alemã de Economia. Diferente de seus predecessores, ele defendeu um diálogo produtivo com o marxismo e, em especial, participou da acirrada disputa sobre a metodologia mais adequada para os estudos econômicos que colocou de diferentes lados escritores como Carl Menger (representante da escola austríaca) e Gustav Schmöeller (representante da escola histórica). Portanto, se desejamos entender em que contexto intelectual a obra de Weber está situada, é no campo da economia que devemos procurar as respostas, pois é a partir deste campo que Weber

⁴ Para uma revisão deste contexto intelectual, consulte-se: MARSHALL (1982); GREEN (1959 e 1973); LEHMANN e ROTH (1987a); LEHMANN (1987b, p.307-320; 1996 e 2009) e SCHLUCHTER (2009, p.40-62).

dialoga com a produção existente. É nesta vertente disciplinar que o tema das origens históricas do capitalismo foi se tornando cada vez mais central.

Não que este fosse um tema exclusivo da ciência econômica. Em termos de suas raízes mais longínquas, o vínculo causal entre protestantismo e vida econômica já pode ser localizado no terreno da própria teologia, com trabalhos advindos desde o século XVII⁵. O tema também perpassa a ciência da história, então em franca consolidação na Alemanha. Dentre os estudos que precederam as investigações de Weber, cabe mencionar o trabalho do historiador Eberhard Gothein, cujo livro de 1892 (*A história econômica da Floresta Negra*), chamou a atenção para o protagonismo econômico dos calvinistas no Sul da Alemanha. Outro trabalho histórico que repercutiu diretamente nas pesquisas de Weber foi a pesquisa de Georg Jellinek. Em suas primeiras investigações histórico-jurídicas (*A declaração dos direitos do homem e do cidadão*, de 1895), Jellinek deslocou a importância da revolução francesa na origem dos direitos humanos para suas fontes americanas (BREUER, 1999). Comparando os documentos das declarações das colônias britânicas das Américas com os textos da revolução francesa, ele defendeu a tese de que os ideais revolucionários tinham sua origem nos Estados Unidos. A reconstrução do autor enfatizava especialmente a contribuição das seitas protestantes para a origem da concepção moderna dos direitos individuais.

De tema eminente teológico ou histórico, a significação econômica do protestantismo também se tornou um objeto central de outra ciência em gestação na Alemanha: a sociologia. Tendo como marco fundador a temática da transição entre o “tradicional” e o “moderno” (ou, nos termos de Ferdinand Tönnies, da *Gemeinschaft* (comunidade) para a *Gesellschaft* (sociedade)), a centralidade da economia na vida social moderna ganhou especial amplitude com os estudos de Georg Simmel⁶. Este particular membro do círculo de relações intelectuais de Weber apresentou uma primeira versão de sua tese já em 1896, em artigo intitulado *A psicologia do dinheiro*. Mas, foi no escrito *Filosofia do Dinheiro*, que veio a lume em 1900, que o argumento de Simmel ganhou sua forma mais acabada e definitiva. Esta obra, reconhecida hoje como um dos grandes textos da geração fundadora

⁵ GRAF (1987, p.27-50) e WARD (1987, p.203-214).

⁶ Uma visão global de seu pensamento é oferecida por FRISBY (1987, p.422-433). No Brasil, há um importante trabalho realizado por WAIZBORT (2000).

da sociologia alemã, desenvolve seu raciocínio em duas longas partes, cuidando a seção analítica da questão do valor e a seção sintética da relação entre dinheiro e liberdade individual, os valores pessoais e o estilo de vida. Em termos globais, Simmel interpretou o dinheiro como parte de um processo social mais amplo: a tragédia da cultura. Para ele, a transformação do dinheiro de meio em fim representa um dos vetores pelos quais a cultura moderna se objetiva e se desliga de sua intencionalidade humana (separação do objetivo e do subjetivo). Simmel destacou ainda o papel racionalizante do dinheiro que imprime a marca da calculabilidade e da objetividade na vida social: sua figura síntese é o homem *blasé* ou o indivíduo *cínico*, ambos indiferentes aos múltiplos impulsos que lhes advém do excesso de experiências da conturbada vida moderna.

O tema do significado social e cultural da esfera econômica moderna voltou a ser o tema central de um trabalho publicado apenas dois após o texto de Simmel: *O capitalismo moderno* (1902), de Werner Sombart que, junto com Weber, era um dos principais representantes da Escola Histórica de Economia. Em sua extensa obra, composta de 28 capítulos, fazendo eco à inversão causal da tese simmeliana, ele começou distinguindo entre as formas tradicionais de economia (voltadas para a satisfação de necessidades) e a economia moderna (voltada para o lucro). O que o trabalho de Sombart procurava mostrar é que a transição de um tipo de economia para outra tinha sido motivada por uma mudança na esfera do comportamento: o aparecimento do desejo da ganância e da riqueza (*auri sacra fames*) que, segundo ele, tinha suas fontes nas cidades italianas do renascimento. Ele denominou esta nova forma de comportamento como um “Espírito” (*Geist*) e destacou como seus traços fundamentais o impulso aquisitivo e o racionalismo econômico. Desta forma, Sombart colocou o tema da origem e das características do capitalismo em uma nova perspectiva de análise, ressaltando sua vinculação com a história da cultura⁷.

Em 1904, ao apresentar, em duas partes distintas (escritas em outubro de 1904 e junho de 1905), seu estudo sobre *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber chegava ao tema precedido e dialogando diretamente com os trabalhos acima que, de forma complexa, ele incorporou, criticou e ao mesmo tempo buscou superar. A recuperação do contexto intelectual diante do qual Weber desenvolveu os argumentos da EP mostra que a

⁷ Da relação entre Weber e Sombart tratam: RAPHAEL (1982); MITZMAN (1987, p.99-105); POHLMANN (2006) e WHISTER (2009, p.54-80).

temática “protestantismo-capitalismo” era multidisciplinar e que podemos encontrar reflexões a respeito tanto no campo da teologia, da história, da economia e da sociologia. Tal constatação também nos ensina que a obra de Weber não é uma obra isolada e única, como se tivesse surgido do nada como um raio em céu azul, como sugerem as interpretações de manual. O que uma pesquisa histórica nos mostra, em definitivo, é que se tratava de um tema que permeava e percorria, de diferentes modos, todo o vasto campo das principais disciplinas de humanidades do cenário intelectual alemão do século XIX.

Mas, é importante observar que, como analista, Weber dedicou-se a este assunto enquanto economista e, no espírito da escola a qual pertencia, fez uma análise essencialmente “histórica” e “social” da temática do capitalismo. Como ele mesmo esclareceu em um texto publicado ainda em 1904 (intitulado *A objetividade do conhecimento sócio-científico e sócio-político*) na revista *Arquivo para a Ciência Social e Política Social* – a mesma revista em que foram publicados seus estudos sobre a EP - : “a revista sempre tratou todos os objetos de suas análises como de natureza sócio-econômica” (WEBER, 1991, p.79, itálico do original), embora destaque claramente que “a nossa revista não se ocupa apenas dos fenômenos ‘econômicos’, mas também dos ‘economicamente relevantes’ e ‘economicamente condicionados’” (idem, p.81). O comentário mostra que, sem prejuízo de uma análise econômica, ao buscar as raízes culturais do capitalismo, Weber se afastava da análise estritamente economicista (representada pelo marxismo) e, seguindo a orientação da Escola Histórica Alemã (e inspirado em Sombart), buscava uma orientação paradigmática que, ao mesmo tempo, rivalizava com os estudos formalistas e abstratos (a-históricos) típicos da versão austríaca (ou neoclássica) de ciência econômica.

Esta tese pode ser confirmada se acompanharmos também a história biográfica da produção do escrito de Weber. Conforme demonstrou Lehmann (2009, p.36-57), Weber desenvolveu o manuscrito da EP após ter acumulado materiais de estudo que seriam fornecidos para Lujo Brentano para ambos redigissem uma apreciação crítica do texto de Werner Sombart (Weber ficaria com a parte metodológica e Brentano com a análise de conteúdo). Com a falta de iniciativa de Brentano, o próprio Weber organizou seus materiais e publicou os três primeiros capítulos em 1904. Os capítulos da segunda parte só foram publicados no verão de 1905, depois de sua viagem aos Estados Unidos da América (contendo, por sinal, diversos materiais que Weber coletou de suas observações em terras

norte-americanas). Portanto, em termos diretos, a gestação da EP responde aos desideratos, problemas e estímulos que foram colocados a Weber no interior de um círculo determinado e específico de especialistas que pertencia, de forma inequívoca, ao campo da economia. Em termos “disciplinares”, trata-se, sobremaneira, de uma obra de cunho econômico, ainda que a vertente de economia à qual ela se filia lhe confira uma orientação marcadamente histórica: em termos “científicos” é um estudo econômico e, em termos de seu “conteúdo”, é uma pesquisa histórica. De outra maneira, podemos dizer que, em termos formais, a EP protestante estava situada epistemologicamente no campo da economia, ainda que, em termos materiais ou substantivos, desenvolvesse um argumento de natureza histórico-religiosa (da mesma forma que histórico-econômica).

1.2. Evolução

Quer dizer, então, que a EP, em definitivo, não tem nada a ver com a sociologia? Não é exatamente este o caso. Primeiramente, é preciso destacar que o escrito de Weber não tinha como finalidade exclusiva apenas a determinação do vínculo causal entre religião (protestantismo ascético) e economia (conduta profissional). Isso porque os debates epistemológicos existentes na Escola Histórica de Economia e, em particular, as pesquisas empíricas de Sombart e Weber, ao buscarem uma alternativa ao marxismo, trabalhavam ainda com outro dilema: qual a relação entre fatores “materiais” e fatores “culturais” na determinação dos fenômenos econômicos? A reflexão de Weber lidava o tempo todo com este problema e, a certa altura da EP vemos o próprio (WEBER, 2004, p.83) declarar que:

procederemos tão só de modo a examinar de perto se, em quais pontos, podemos reconhecer determinadas ‘afinidades eletivas’ entre certas formas da fé religiosa e certas formas da ética profissional. Por esse meio e de uma vez só serão elucidados, na medida do possível, o modo e a direção geral do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material. Só *depois* é que se poderá fazer a tentativa de avaliar em que medida conteúdos culturais modernos são imputáveis, em sua gênese histórica, àqueles motivos religiosos e até que ponto se devem a outros fatores.

Na EP, portanto, cruzam-se e interpenetram-se dois níveis diferenciados de análise. Como eixo da análise temos uma atribuição causal de cunho histórico-empírico, mas ela também é perpassada por uma reflexão de cunho analítico-conceitual (lidando este com a complexa questão da relação do papel dos fatores materiais e culturais no processo histórico-econômico). Do ponto de vista analítico, a conclusão de Weber sobre este tema aparece com toda clareza no final de seu escrito: “não cabe contudo, evidentemente, a intenção de substituir uma interpretação causal unilateralmente ‘materialista’ da cultura e da história por uma outra espiritualista, também ela unilateral. *Ambas são igualmente possíveis*, mas, uma e outra, se tiverem a pretensão de ser, não a *etapa preliminar*, mas a *conclusão* da pesquisa, igualmente pouco servem à verdade histórica” (WEBER, 2004, p.167). Disto segue que, ainda que a obra seja fruto do campo disciplinar da economia, o problema como o qual ela se defronta não se restringe apenas a atribuição de um vínculo causal histórico e determinado, atravessando-lhe também uma problemática que, dada a sua natureza, possui um inegável “alcance sociológico”. Ao se colocar o tema das relações entre economia e cultura, fatores materiais e ideais, ou ainda uma abordagem materialista ou idealista dos processos sociais, Weber toca em uma questão que será central na estruturação da futura ciência sociológica. Conseqüentemente, ainda que, na sua concepção originária, a obra não tenha sido concebida em um campo disciplinar que, de fato, ainda não estava consolidado, isto não significa que ela já não se colocasse temas e problemas de tipo sociológico, o que nos permite afirmar que ela já possuía, desde seu início (e resguardado qualquer anacronismo), uma dimensão sociológica. Neste ponto, sigo a análise de Schluchter (2008, p.113-114) que, da mesma forma, destaca:

O estudo sobre o protestantismo de Max Weber é, sem dúvida, em primeiro lugar, um estudo histórico. Porém, ao mesmo tempo é muito mais que isso. É um estudo que realiza uma contribuição para superar a disputa sobre o método na economia política de língua germânica de sua época; também é uma investigação em que se esclarecem os limites do paradigma econômico na teoria da ação e da ordem. Só quem entende esta polivalência o compreende, segundo minha perspectiva, corretamente. Com ele se dá resposta a um problema histórico, porém também se reage ante uma complexa constelação científica de problemas e se estabelece uma orientação para investigação no campo das ciências sociais culturais *enquanto* ciências sociais.

Em segundo lugar, temos que considerar ainda que a EP foi revisada por Max Weber em 1920 e que, a partir desta revisão, o texto adentra definitivamente no registro de uma nova abordagem epistemológica: a sociologia.⁸ Esta tese pode ser corroborada tanto por uma análise de seu enfoque teórico quanto de seu conteúdo substantivo.

Sob o aspecto analítico, porque as próprias pesquisas de Weber evoluíram na direção dos estudos sociológicos. Em 1910, em colaboração com seus demais colegas (como Sombart, Simmel e Tönnies), Weber participou da fundação da Sociedade Alemã de Sociologia, passando a colaborar ativamente com seus trabalhos. Já em 1913, esta nova fase ficava intelectualmente evidente quando Weber publicou, na revista *Logos*, um manuscrito intitulado *Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva*. Este escrito será posteriormente revisto e desenvolvido, integrando os fundamentos da sociologia compreensiva que ele pretendia apresentar no seu inacabado livro *Economia e Sociedade* (que só virá a lume depois da morte de Weber, em 1922, pelas mãos de sua esposa, Marianne Weber). Outra indicação neste sentido é que, ao inserir o estudo sobre o protestantismo junto aos seus demais textos sobre a ética econômica das religiões mundiais (China, Índia e Judaísmo), Weber intitulou todo conjunto sob a rubrica de *Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião*, título que, por si só, não deixa dúvidas quanto à *démarche* que eles agora possuíam. Portanto, se a EP pode ser considerada uma obra de sociologia, tal afirmação só se aplica integralmente à segunda versão do texto (1920), tendo em vista que o próprio Max Weber deslocou-se para este campo disciplinar, como atesta claramente o teor de seus novos trabalhos.

Não é apenas pelo seu novo enfoque que o estudo sobre o protestantismo pode ser considerado - em sua segunda versão - como um estudo sociológico. Ao lado deste, podemos apontar também um motivo de ordem substantiva, que tem relação com o próprio conteúdo da obra. Conforme argumenta Schluchter (1981), a partir do ano de 1910, as pesquisas de Weber sobre a temática religiosa se diversificam, e seus estudos sobre a origem e especificidade do capitalismo moderno inscrevem-se em um horizonte mais amplo, cuja meta era entender a origem e a especificidade do racionalismo ocidental (da

⁸ Na cuidadosa tradução apresentada pela Companhia das Letras (WEBER, 2004), as modificações feitas pelo pensador Weber (em regra, um enorme conjunto de acréscimos textuais, intercalados ao longo da versão anterior do escrito) podem ser perfeitamente observadas, dada a salutar preocupação de seus editores de inseri-las entre colchetes. Vale lembrar, também, que é apenas na segunda versão de sua obra que Weber coloca o termo “espírito” do título da obra entre aspas.

qual o capitalismo é a maior expressão). A respeito desta mudança, a biografia de Marianne Weber não deixa dúvidas: “Weber via nesse reconhecimento do caráter especial do racionalismo ocidental e o papel que lhe foi dado a desempenhar para a civilização ocidental uma de suas mais importantes descobertas. Em consequência, sua análise original da relação entre religião e economia expandiu-se numa pesquisa ainda mais abrangente” (Marianne WEBER, 2003, p.398). Esta mudança não deve ser entendida como uma ruptura, mas como o alargamento de seu alcance, o que implica, como atesta a esposa de Weber, que o estudo sobre o protestantismo também ganha um novo sentido temático. De acordo com esta nova perspectiva, o protestantismo ascético representa a consumação de um processo histórico-religioso cujas raízes se estendem até o judaísmo antigo. Conforme um dos trechos que Weber acrescentou à obra: “aquele grande processo histórico-religioso do *desencantamento* do mundo, que se iniciou com a profecia do judaísmo antigo e, em associação com o pensamento científico helênico, repudiava todos os meios mágicos de busca da salvação como superstição e sacrilégio, encontrou aqui sua conclusão” (WEBER, 2004, p. 96). Ao consumir o processo de desencantamento religioso do mundo⁹, o protestantismo pós-luterano era representado por Weber como um elemento central da gestação do racionalismo da dominação do mundo, tema central de suas pesquisas naquele momento. Que tal é o fato, podemos acompanhar na explicação que ele mesmo fornece no texto metodológico (*Einleitung*) que guia sua apresentação dos escritos sobre a ética econômica das religiões mundiais: “antes de mais nada, uma busca como esta em Sociologia da Religião deve e quer ser ao mesmo tempo uma contribuição à tipologia e sociologia do próprio racionalismo” (WEBER, 1982, p. 372)¹⁰.

⁹ Conforme mostra o estudo de Pierucci (2003), a expressão desencantamento do mundo – central nos estudos tardios de Weber – pode ser identificada 17 vezes em seus escritos e, destas, 04 ocorrem no texto da EP. Demais esclarecimentos encontram-se também em Winckelman (1980), Lehmann (2009) e Schluchter (2009).

¹⁰ Outra modificação importante nesta nova fase da produção de Weber é que, conforme ele esclarece na “Introdução” (*Vorbemerkung*) - texto no qual apresenta o conjunto de seus escritos sobre sociologia da religião - ao contrário da análise unilateral da versão anterior da mesma, ele estava levando em consideração também o outro lado das relações causais, ou seja, tomando a variável econômica (ao lado dos fatores ideais) também como um fator independente. Como diz ele, “os trabalhos subseqüentes, sobre a Ética Econômica das religiões Mundiais, tentam (...) destacar as duas relações causais” (WEBER, 1996, p.12). Na *Einleitung*, - cujas finalidades metodológicas já foram destacadas acima - Weber retoma o problema e, em síntese que se tornou célebre, esclarece de que forma entende os vínculos entre os interesse materiais e ideais nos processos históricos.

O livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo* é um texto complexo que responde de forma direta a um rico cenário histórico, acadêmico e intelectual. Longe de possuir apenas uma faceta, a riqueza da obra reside, justamente, nos diferentes níveis em que opera, incluindo a dimensão econômica, histórica e sociológica. Sua gênese ocorre em um contexto em que o tema do protestantismo e seus reflexos culturais era um assunto abrangente e central no campo das ciências humanas, e foi desenvolvido por Weber no âmbito de uma corrente de economistas preocupados em buscar uma visão histórica e cultural dos processos econômicos. Entretanto, longe de limitar-se a investigar apenas uma relação causal determinada e específica, ele já se colocava questões analíticas que possuíam um alcance teórico vital para a sociologia. Tais impulsos foram retomados e desenvolvidos por Weber ao longo de seu percurso intelectual e ampliaram o escopo disciplinar e temático da obra que, sem perder sua base histórico-econômica, passou para o horizonte mais amplo da ciência sociológica. Desta forma podemos afirmar que, se, em sua primeira versão (apresentada em 1904/1905), a EP era um estudo com um objetivo primordialmente histórico-econômico (mas que já possuía um alcance sociológico); em sua segunda versão (apresentada em 1920), o escopo da obra é reformulado e ampliado, adquirindo, em definitivo, uma natureza clara e especificamente sociológica.

2. O debate sobre o conteúdo da *Ética Protestante*

Tendo em vista as conclusões do tópico anterior, fica evidente que a determinação de um conteúdo unívoco para o argumento da EP é tarefa fadada ao fracasso e que, ao contrário, é exatamente a multiplicidade de seus pontos de vista formais e substantivos que permitiu ao escrito de Weber alimentar – na melhor tradição de um texto “clássico” – uma quantidade infindável e sempre enriquecedora de discussões teóricas. Dada a amplitude da tarefa, e considerando a perspectiva histórica que orienta este artigo, a discussão a ser desenvolvida sobre o “conteúdo” da EP pretende deter-se apenas na dimensão empírico-causal de seu argumento. Ou seja, a pergunta central é: qual é o caráter *histórico* dos vínculos entre protestantismo e capitalismo moderno que a EP (conforme sua versão de 1904/1905) pretendia demonstrar? Para responder a questão, apresento, primeiramente, uma reconstrução cronológica das polêmicas que a EP ocasionou durante a existência de

Weber e mostro como ele procurou reagir diante das críticas. O tópico posterior, por sua vez, adentra no mérito do debate e, tomando como ponto de partida uma das réplicas de Weber, busca fornecer algumas respostas para o problema.

2.1. A história do debate

Como mostrou a análise histórica precedente, aprofundando as indicações de outros pesquisadores de seu tempo, o trabalho de Weber elevou a reflexão sobre os vínculos entre o capitalismo e suas raízes protestantes a um novo patamar. Sua original leitura deste processo provocou adesões e críticas. Dentre os autores que se colocaram na mesma linha de reflexão de Weber, destaca-se a pesquisa de seu colega Ernst Troeltsch (MATA, 2008). Em trabalho publicado em 1906 (*Protestantismo e modernidade*), este teólogo ampliou o alcance do problema colocado por Weber, perguntando-se pela influência do protestantismo no desenvolvimento do mundo moderno (GRAF, 1987). Mas, ao contrário deste, Troeltsch tendia a ver no protestantismo apenas uma força indireta na modelagem das formas sociais de vida e limitou suas influências mais significativas apenas à dimensão especificamente religiosa. Malgrado as diferenças entre os dois autores, o trabalho de Troeltsch foi rapidamente assimilado ao estudo de Weber e a literatura crítica da época se referia conjuntamente às idéias de ambos os autores como a “tese Weber-Troeltsch”. Posteriormente, os trabalhos destes dois autores também seguiram caminhos semelhantes pois ambos ampliaram o escopo de suas investigações. No escrito de 1912 (*A doutrina social das igrejas e grupos cristãos*), Troeltsch fez uma ampla revisão histórica da evolução social do cristianismo. A partir dos tipos ideais de ‘igreja’, ‘seita’ e ‘mística’ ele distinguiu seis diferentes fases da trajetória da religião cristã (pregação de Jesus, cristianismo paulino, cristianismo antigo, catolicismo medieval, luteranismo, calvinismo, seitas, protestantismo ascético e espiritualismo místico)¹¹. A pesquisa de Troeltsch teve efeito fundamental sobre a produção de Weber e determinou a nova direção de suas investigações. Conforme o autor

¹¹ Weber (2004, p.26) conferiu especial significação a este trabalho, ao qual assim se referiu: “Permitam-me aqui obra breve menção – em vez de citá-lo a todo momento e em cada ponto específico – ao grande livro de E. Troeltsch, *Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen* (Tübingen, 1912), que, a partir da riqueza de seu conteúdo, vem juntar complementação e confirmação extremamente bem-vindas ao problema que nos ocupa e que trata da história universal da ética do cristianismo ocidental a partir de pontos de vista próprios e muito amplos. A seu autor interessa mais a *doutrina*, a mim, o *efeito* prático da religião”.

mesmo esclareceu (WEBER, 2004, p.276), ele não deu seguimento ao estudo histórico sobre o protestantismo, “... notadamente por conta da publicação das *Soziallehren der christlichen Kirchen* de E. Troeltsch (que liquidou muitas questões que ainda me tocava discutir e o fez de uma forma que eu, não sendo teólogo, não teria sido capaz de fazer)”. Assim, em vez de mergulhar na história pregressa do protestantismo (como fez Troeltsch), Weber dirigiu-se para as configurações religiosas não ocidentais.

A publicação da *Ética Protestante* não encontrou apenas adesões, mas também uma forte onda de discussão crítica que se desdobrou em duas fases: a primeira, que se estende de 1907 a 1910, envolve a polêmica do autor com Karl Fischer e Friedrich Rachfal; e a segunda fase, que se estende de 1911 a 1920, trata da polêmica de Weber com Lujo Brentano e de seu crescente debate com Sombart. Weber deu um tratamento diferenciado a estas duas diferentes ondas de contestação de suas teses. Ele considerou o primeiro conjunto de intervenções basicamente como mal entendidos e redigiu seus textos visando esclarecer e aperfeiçoar seus pontos de vista. Sua polêmica com Karl Fischer ocupou os anos de 1907 e 1908 (Weber respondeu a primeira resenha de Fischer, bem como a réplica do mesmo). Rachfal entrou na polêmica em 1909 com um artigo intitulado *Calvinismo e Capitalismo* e recebeu a resposta de Weber em 1910 no escrito *Anticrítica sobre o ‘espírito’ do capitalismo*. A polêmica continuou com mais uma rodada de textos: Rachfal respondeu com *Novamente calvinismo e capitalismo* (1910), seguida da última intervenção de Weber: *Antikritisches Schlusswort* (1910)¹².

Embora Weber tenha encerrado seu debate com estes dois autores, no período posterior, que vai de 1911 até 1920, a polêmica sobre as teses da EP continuou e podemos rastrear sua existência em diversas observações que Weber faz a respeito nas notas de rodapé acrescentadas as já existentes na segunda edição da sua obra. Lujo Brentano, também companheiro de Weber na Escola Histórica de Economia, no seu livro *Os primórdios do capitalismo moderno* (1916) contestou qualquer ligação entre elementos religiosos e conduta capitalista e argumentou que a origem do capitalismo devia-se, principalmente, a fatores econômicos, ou seja, técnicos e comerciais (GOSH, 2009). Já

¹² Estes textos podem ser encontrados em WINCKELMAN (1982). O último dos textos em questão possui uma tradução em inglês: WEBER (1978, p. 1105-1131) Veja-se ainda CHALCRAFT e HARRINGTON (2000).

Sombart voltou ao tema das origens do capitalismo em dois escritos: *Os judeus e a vida econômica* (1911) e *O burguês* (1913). Polemizando diretamente contra Weber, ele sustentava que não foi o protestantismo, mas o judaísmo (e também o catolicismo), que forneceu as principais motivações religiosas para o surgimento do capitalismo. Além disso, não foi à disciplina ascética, mas a compulsão e a busca do luxo que funcionaram como motivações psicossociais para a consolidação do moderno capitalismo. Em suma, enquanto Brentano negava os termos do problema estudado por Weber, Sombart propunha uma visão alternativa para o mesmo. Vejamos como Weber se posicionou em relação a estas duas últimas críticas.

As menções de Weber feitas a Brentano nas notas da *Ética Protestante* preocupam-se, principalmente, em refutar uma série de divergências pontuais com o autor (o papel dos banqueiros, espírito do capitalismo, vocação, Baxter, etc.), mas, em determinado momento, o pensador procura mostrar o núcleo de suas divergências com seu colega de pesquisa:

Diante dessa minha afirmação expressa da continuidade intrínseca entre a ascese monástica extramundana e a ascese profissional intramundana, espanta-me que Brentano [...] alegue *contra* mim o fato de os monges praticarem e recomendarem a ascese no trabalho! Todo o seu ‘excurso’ contra mim culmina nisso. Mas justamente essa continuidade, como todos podem ver, é que é um pressuposto fundamental de todo o meu ensaio: a Reforma conduziu a ascese racional cristã e metódica de vida para fora dos mosteiros e as introduziu na vida profissional mundana (WEBER, 2004, p. 221).

Já na polêmica com Sombart, Weber deu-se ao trabalho de acrescentar sete novas inserções em suas notas de rodapé e, em uma delas, qualificou duramente o trabalho de seu oponente: “Mais tarde, infelizmente, naquela que a meu aviso é a mais fraca de suas grandes obras nesse particular (*Der Bourgeois*, Munique, 1913), Sombart defende uma ‘tese’ totalmente equivocada [...], igualmente abaixo do nível de outros trabalhos modernos de apologética do catolicismo” (WEBER, 2004, p.172). Ele refutou, em particular, as tentativas de Sombart de localizar o espírito do capitalismo em fontes anteriores à Reforma (com base nos escritos de Leon Alberti, Bernardino de Siena e Antonino de Florença). Quanto ao papel do judaísmo no florescimento da moderna vida econômica, Weber (2004, p.261) foi bastante claro quanto a sua opinião:

Para o judaísmo, era *permitido* fazer ao ‘estrangeiro’ o que era *proibido* fazer ao ‘irmão’. Impossível (por isso mesmo) que o desempenho nessa esfera do simples ‘não proibido’, do simplesmente ‘permitido’, viesse a ser sinal de comprovação *religiosa* e estímulo a uma conformação metódica da vida no sentido dos puritanos. Sobre esse problema todo, em muitos aspectos tratado com pouco acerto por Sombart em seu livro *Die Juden und das Wirtschaftsleben* [...]. A ética judaica, por surpreendente que isso possa parecer à primeira vista, permaneceu mui fortemente tradicionalista.

Embora as referências críticas que Weber faz a Sombart e Brentano (na segunda edição de sua obra) sejam esparsas e ocupem pouco espaço em suas notas, elas possuem um particular interesse, tendo em vista que, apontam claramente que, na polêmica que se segue na segunda edição da *Ética Protestante*, ele terá que defender os dois lados dos vínculos causais dos quais trata a sua tese. Por um lado, ele distancia-se de Brentano que, menosprezando os fatores religiosos, tencionava colocar fatores militares e técnicos como elementos decisivos do processo de modernização capitalista. Já em relação ao fator religioso, ele precisou advogar o papel peculiar da moral protestante, negando o suposto vínculo que Sombart enxergava entre judaísmo e catolicismo na emergência das estruturas econômicas modernas. Ambas as temáticas já tinham sido enfrentadas por Weber nas suas anticríticas, razão pela qual um estudo de seu conteúdo constitui uma fonte histórica inestimável para a compreensão dos argumentos weberianos.

2.2. Contribuições do debate: Weber x Fischer

Embora a leitura secundária costume dar maior relevo a mais extensa das intervenções de Weber (*Antikritisches Schlusswort*), pretendo ilustrar a importância destes escritos, enquanto fontes históricas, centrando minha atenção no debate de Weber com o primeiro de seus críticos: Karl Fischer. Trata-se da primeira vez que, de fato, Weber pronuncia-se sobre o tema, derivando daí meu particular interesse sobre este momento específico dos debates.

Divididas em seis tópicos, as *Observações Críticas* que Fischer dirigiu a Weber partiam de um resumo do problema e colocavam a questão em duas linhas de argumentação. Em termos temáticos, ele questionou uma série de elementos da reflexão weberiana, como a propriedade da noção de espírito de capitalismo (que seria imprecisa),

bem como a tese de que a profissão como dever teria uma ligação com a tradução do termo *Beruf* dado que, na versão deste crítico, não foi inventada por Lutero, pois ele apenas teria adotado uma expressão de uso corrente. Para Fischer, o dogma calvinista da predestinação também não tem relação com a valorização da vida profissional, tendo em vista que este último teria bases independentes do fundamento religioso. A mesma reprovação é dirigida contra a corrente anabatista que, ao cultivar elementos irracionais e emocionais não poderia ter ligação direta com a racionalização profissional: a lenta evolução dos anabatistas deveria ser considerada apenas como uma adaptação à dura realidade a qual tinham que se acomodar. Por fim, ele também criticou as fontes utilizadas por Weber (escritos de edificação moral), afirmando que, ao contrário, eles mostravam quanto os fatores econômicos influenciaram as concepções religiosas.

Além destes reparos de conteúdo, Fischer também fez uma análise metodológica do texto weberiano. Contra uma suposta visão materialista, que seria representada por Sombart, e uma visão idealista, proposta por Weber, ele propugna uma interpretação de caráter psicológico. Desta premissa, conclui que o espírito do capitalismo (aquisição do dinheiro como fim em si) deveria ser entendido como uma alegria derivada da atividade energética. Tratar-se-ia de um fenômeno de transferência de sentimentos, sem qualquer relação com elementos religiosos (o mesmo raciocínio se aplicaria à idéia de profissão como dever). Ainda sob a perspectiva metodológica, Fischer levantou uma série de objeções de caráter histórico, alegando que países católicos como a Itália eram bem mais desenvolvidos do que regiões protestantes como a França Huguenote, por exemplo. Ele entendeu, por fim, que a pesquisa de Weber não passava da constatação de um paralelismo e que a explicação do fenômeno da gênese do capitalismo ainda requeria novas pesquisas.

Na segunda vez em que voltou ao tema – em sua *Réplica a contra-crítica do professor Max Weber* - a argumentação de Fischer permanece, em sua estrutura lógica, a mesma. Ele atribui a tese weberiana à premissa de que os fatores religiosos seriam as forças motrizes da história, opondo a esta visão a convicção a idéia de que é o universo mental religioso que teria se adaptado às condições econômicas do momento. Para tanto, ele também reafirmou sua convicção de que esta investigação requeria o uso de uma interpretação psicológica da história.

Nos dois textos que Weber escreveu contra Fischer, sempre em tom áspero e irônico, o pensador isentou-se dos mal entendidos da leitura e lamentou a falta de atenção e cuidado de seu crítico. Mas, apesar de desqualificar a competência do oponente, a réplica de Weber é particularmente ilustrativa em relação ao modo como ele procura explicitar à imputação causal do seu estudo. Nestes escritos (que retomarei em conjunto), ele procura esclarecer quais são as variáveis independentes e dependentes de sua análise e, em particular, de que modo concebe a relação entre os elementos em questão. Ou, nas suas palavras: “quais foram as relações recíprocas entre confissão e comportamento econômico nos primeiros tempos do capitalismo” (WEBER, 1997, p.172)?

Ponto de partida, Weber começou por estabelecer uma vital diferença que escapou a Fischer: a distinção entre luteranismo, calvinismo e protestantismo ascético. Em relação ao papel de Lutero e da noção de *Beruf*, ele afirmou enfaticamente: “eu me esforcei de forma considerável para provar que o conceito de conotação ética de *Beruf* (assim como seu uso corrente) que é comum a todos os povos protestantes depois da tradução da Bíblia (...) é uma inovação da Reforma sobre um ponto que é decisivo para minha pesquisa” (WEBER, 1997, p.171). Ao contrário das extensas indicações arroladas por Weber para apoiar esta tese, Fischer não tinha nenhuma fonte para comprovar sua visão contrária. Todavia, na visão weberiana, não era o luteranismo, mas o protestantismo ascético, o ponto de partida causal das investigações que ele se pretendeu a realizar: “eu me esforcei por estabelecer de maneira detalhada e de definir em que a idéia de ‘*Beruf*’ no quadro da religiosidade luterana tornou-se especificamente diferente da forma que esta idéia tomou no interior da forma ‘ascética’ do protestantismo, como parte integrante do ‘espírito’ do capitalismo” (WEBER, 1997, p.171). Da mesma forma, ele insistiu sobre o fato de que “‘reformado’ não é simplesmente idêntico a ‘calvinista’ e que o ‘calvinismo’ teve que esperar evoluir em direção ao protestantismo ascético – o que não é de modo algum (...) idêntico com a teoria autêntica de Calvino – para apresentar o conjunto de características que intervêm em minha análise das relações causais” (WEBER, 1997, p.172).

Ponto de chegada, Weber esclareceu que não pretendia, de modo algum, “fazer pensar que as *formas* econômicas decorrem de motivos religiosos, o que eu jamais afirmei e, na medida do possível eu me esforcei por tornar *ainda* mais explícito o fato de que é o espírito de uma *conduta de vida* ‘metódica’ que deve ser derivado da ascese na sua configuração

protestante” (WEBER, 1997, p.173). Portanto, aqui estamos do outro lado da relação causal, no qual é o fator a ser explicado que está em questão. Também aqui Weber é enfático e acentua, mais uma vez, a necessidade de atentar para uma distinção fundamental: recusava “expressamente [a] possibilidade da tese ‘absurda’ que deseja que só a reforma teria criado o espírito do capitalismo, mais ainda o capitalismo em si mesmo (como sistema econômico), tendo em vista que *formas importantes de empresa capitalista* são muito anteriores à reforma” (WEBER, 1997, p.171). Tais observações, como se evidencia, são particularmente reveladoras, pois ajudam a precisar sobre qual elemento incide a reflexão weberiana: não sobre o capitalismo enquanto sistema (ou seja, sua forma de organização em empresas), mas apenas sobre o espírito do capitalismo. O vínculo entre protestantismo ascético e o espírito (mas não a forma) do capitalismo, por sua vez, é mediado pelo modo de vida engendrado pela moral puritana. Como diz Weber, o que lhe interessa é o estudo do “método de vida puritano” e seus desenvolvimentos na direção de um “sentimento de dever”, qual seja, “a aparição do sentimento do dever em relação à profissão” (WEBER, 1997, p.174).

Mas, qual seria a relação entre dois fenômenos? Qual é a natureza do nexo de imputação causal pretendido pela análise weberiana? Weber destacou que o elemento metodológico era central em sua análise e que, ao contrário do que afirma Fischer, “seria surpreendente, eu imagino, ver a afirmação de que eu não teria ‘visto’ os princípios e os problemas ‘metodológicos’ da análise causal histórica (...) e que eu não teria nada a propor em matéria de reflexão sobre as questões causais decisivas” (WEBER, 1997, p.175). Para explicar este ponto, Weber lamentou, mais uma vez, que seu crítico tivesse entendido sua tese como uma visão idealista (de caráter hegeliano) e tratou de explicar “que estes dois componentes culturais não estavam, também nesta época, em uma relação de dependência necessária do tipo: lá onde há X (protestantismo ascético), encontramos necessariamente Y (espírito do capitalismo), isto é evidente a priori quando se trata do encadeamento causal de fenômenos complexos” (WEBER, 1997, p.172). Consciente da profundidade da questão, conteúdo, Weber (1997, p.173) sabe que a tese demanda maiores esclarecimentos, a ponto de declarar:

Eu tratarei de destacar toda formulação que pudesse levar a pensar que formas econômicas derivam de motivos religiosos, o que eu jamais afirmarei, na medida do possível, eu me esforçarei por tornar ainda mais explícito o fato de que é o espírito de uma conduta de vida ‘metódica’ que deve ser derivado da ascese na sua configuração e que este espírito não entretém mais que uma relação de ‘adequação’ com as formas econômicas, uma relação que possui verdadeiramente, a meus olhos, uma grande importância sobre o plano histórico-cultural.

3. Considerações Finais

Longe de se encerrarem após a morte de Weber, a querela a respeito das proposições da *Ética Protestante* estende-se até hoje¹³. Do ponto de vista histórico, Disselkamp (1994)¹⁴ mostra que há quem discorde da suposta univocidade da tese weberiana, opondo a ela uma visão tida como multicausal, afirmando que o protestantismo representou antes um menor obstáculo (comparado ao catolicismo) do que um aporte positivo ao espírito capitalista (TREVOR-ROPER, 1967 e LÜTHY, 1973). De outro lado, questiona-se também a relação causal entre protestantismo e capitalismo, indicando contra-exemplos que demonstrariam a ausência de um ou outro destes fatores. Desta feita, existiriam casos empíricos que negariam a tese de Weber, seja pela ausência do puritanismo em ambiente capitalista (Itália renascentista) ou ausência de capitalismo na presença da religiosidade puritana (caso da Escócia). Ambos os exemplos seriam refutações do suposto caráter necessário da relação causal elaborada por Weber (ROBERTSON, 1935 e SAMUELSON, 1964). O terceiro tipo de crítica, por sua vez, nega o núcleo da tese de Weber ao alegar que não haveria qualquer tipo de elo entre cristianismo e economia moderna (TAWNEY, 1962). Sem esquecer ainda a tradicional visão marxista para quem, ao final, são os fatores materiais que respondem, ontologicamente, pela determinação da história social. Do ponto de vista sociológico, por sua vez, o debate também continua e, apenas para indicar alguns exemplos, a tese de uma suposta visão essencialmente “idealista” da tese weberiana possui vida própria, e se estende de autores do porte de Talcott Parsons (2010) até chegar a autores contemporâneos, como Friedrich Tenbruck (1980), por exemplo. Visões contrárias também existem e não falta

¹³ Um dos primeiros textos a resenhar o debate é o artigo de FISCHOFF (1944, p.61-77). Importante também é o estudo de MACKINNON (1987, p.211-244). O trabalho BESNARD (1970) apresenta uma interessante antologia dos principais autores envolvidos neste debate.

¹⁴ Para uma crítica deste trabalho ver GIUMBELLI (1997, p. 179-182).

quem aponte que são os fatores “materiais” que, ao final, respondem pela reflexão weberiana (COLLINS, 1986).

A vitalidade e longevidade destes debates somente reforçam a necessidade de retomar o estudo do processo de gênese, desenvolvimento e recepção do célebre argumento weberiano, resgatando seus interlocutores e, especialmente, retomando a releitura dos textos em que o próprio Weber procurou responder aos seus críticos. Retomando este debate podemos constatar, aliás, que boa parte das questões que ainda hoje cercam a EP já foram esclarecidas pelo próprio Weber. Este trabalho constitui um exercício preliminar nesta direção que, sem a pretensão esgotar o assunto, procurou demonstrar que o resgate do contexto histórico e intelectual constitui veículo por excelência enquanto caminho para a reconstrução do sentido de um escrito teórico. Através deste procedimento procuramos nos aproximar do enfoque analítico (que transita do histórico-econômico para o sociológico) e do escopo temático da *Ética Protestante e do Espírito Capitalismo* (ou seja, do vínculo causal – em suas variáveis dependentes e independentes - entre o protestantismo ascético e a idéia de vocação profissional). E, não menos importante, indicamos que a imersão na “história das idéias” constitui, por certo, condição prévia e passo preliminar para a continuidade da reflexão sobre um texto e, principalmente, sobre a compreensão do que ele ainda tem a nos ensinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESNARD, Philippe. **Protestantisme et capitalisme: la Controverse post-Webérienne.** Paris: Colin, 1970.

BREUER, Stefan. **Georg Jellinek und Max Weber.** Baden-Band: Nomos Verlag, 1999.

CHALCRAFT, David e HARRINGTON, Austin (orgs.). **The Protestant Ethic Debate: Max Weber replies to his critics, 1907-1910.** Liverpool: University Presss, 2000.

COLLINS, Randal. **Weberian sociological theory.** Cambridge: University Press, 1986, p.19-44

DIEHL, Astor Antônio. **Max Weber e a história.** Ediupuf: Passo Fundo, 1996.

DISSELKAMP, Annette. **L'éthique Protestante de Max Weber.** Paris: PUF, 1994.

FISCHOFF, Ephraim. The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism: the History of a Controversy. **Social Research**, XI, 1944, p.61-77.

FRISBY, David. The Ambiguity of Modernity: Georg Simmel and Max Weber. In MOMMSEN, Wolfgang e OSTERHAMMEL, Jürgen. **Max Weber and his Contemporaries**. London: Unwin, 1987, p.422-433.

GADAMER, Hans. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

GIUMBELLI, Emerson. Resenha de Disselkamp, Annette. L'éthique protestante de Max Weber. **Mana**, v.3, n.1, 1997, p. 179-182.

GOSH, P. From The 'spirit of capital' to the spirit of 'capitalism': The Transition in German economic thought between Lujo Brentano and Max Weber. **History of European Ideas**, 35, 2009, p.62-92.

GRAF, Friedrich Wilhelm. Friendship between Experts: Notes on Weber and Troeltsch. MOMMSEN, Wolfgang e OSTERHAMMEL, Jürgen. **Max Weber and his Contemporaries**. London: Unwin, 1987, p.215-233.

GRAF, Friedrich Wilhelm. The German Theological Sources and Protestant Church Politics. In LEHMANN, Harmut e ROTH, Guenter. **Weber's Protestant Ethic**: origins, evidence, contexts. Cambridge: University Press, 1987, p.27-50.

GREEN, Robert. **Protestantism and capitalism**: The Weber Tesis and its Critics. Boston: Heath, 1959.

GREEN, Robert. **Protestantism, Capitalism and Social Science**: The Weber Thesis Controversy. Boston: Heath, 1973.

HEGEL, Georg W. A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história. São Paulo: Centauro, 2001.

JASMIN, Marcelo e FERES JÚNIOR, João Feres. **História dos conceitos**: diálogos transatlânticos. São Paulo: Loyola, 2007.

LEHMANN, Harmut e ROTH, Guenter. **Weber's Protestant Ethic**: origins, evidence, contexts. Cambridge: University Press, 1987a.

LEHMANN, Harmut. Ascetic Protestantism and Economic Rationalism: Max Weber revisited after two generations. **The Harvard Theological Review**, v.80, n.3, 1987b, p.307-320.

LEHMANN, Harmut **Max Webers Protestantische Ethik**: Beiträge aus der Sicht eines Historikes. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1996.

LEHMANN, Hartmut. **Die Entzauberung der Welt**: Studien zu Themen von Max Weber. Göttingen: Wallstein, 2009.

LÜTHY, Herbert. Once Again: Calvinism and Capitalism. In. GREEN, R.W. **The Weber Thesis Controversy**. Toronto, 1973, p.98-99.

MACKINNON, Malcom. The longevity of the Thesis: a critique of the critics. In LEHMANN, Hartmut e ROTH, Guenter. **Weber's Protestant Ethic**: origins, evidence, contexts. Cambridge: University Press, 1987, p.211-244.

MARSHALL, Gordon. **In Search of The Spirit of Capitalism**: an Essay on Max Weber's Protestant Ethic Thesis. London: Hutchinson, 1982.

MARX, Karl. **Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Moraes, 1991.

MITZMAN, Arthur. Personal Conflict and Ideological Options in Sombart and Weber. In MOMMSEN, Wolfgang e OSTERHAMMEL, Jürgen. **Max Weber and his Contemporaries**. London: Unwin, 1987, p.99-105.

PARSONS, Talcott. **A estrutura da ação social**: um estudo de teoria social com especial referência a um grupo de autores europeus recentes. Petrópolis: Vozes, 2010 (2. vol.).

PIERUCCI, Antonio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003.

POHLMANN, Markus. Werner, Sombart und die neuere Kapitalismustheorie. In ALBERT, Gerth et alli. (orgs.). **Aspekte des Weber-Paradigmas**: Festschrift für Wolfgang Schluchter. Wiesbaden, 2006.

RAPHAEL, Freddy. **Judaïsme et capitalisme**: Essai sur la controverse entre Max Weber et Werner Sombart. Paris: PUF, 1982.

ROBERTSON, H.M. **Aspect of The Rise of Economic Individualism**. Cambridge: University Press, 1935.

SAMUELSON, Kurt. **Religion and Economic Action**. New York: Harper Torchbooks, 1964.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **The Rise of Western Rationalism**: Max Weber's Developmental History. Berkeley: California Press, 1981.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **Acción, orden y cultura**: estudios para un programa de investigación em conexión con Max Weber. Buenos Aires, Prometeo, 2008.

SCHLUCHTER, Wolfgang. Religiöse Wurzeln frühkapitalistischer Berufsethik: Diw Weber-These in der Kritik. In **Die Entzauberung der Welt**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009, p.40-62.

SWEDBERG, Richard. **Max Weber e a idéia de sociologia econômica**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

TAWNEY, R.H. **Religion and The Rise of Capitalism**. Gloucester: Mass, 1962 [1926].

TEIXEIRA, Francisco e FREDERICO, Celso. **Marx, Weber e o marxismo**. São Paulo: Cortez, 2010.

TENBRUCK, Friedrich. The problem of thematic unity in the works of Max Weber. **British Journal of Sociology**, 31, 3, 1980, p.316-351.

TREVOR-ROPER, H.R. **Religion, the Reformation and The Social Change**. London: MacMillan, 1967.

VILLAS-BOAS, Gláucia. Ascese x prazer: Weber x Sombardt. **Lua Nova**, n.52, 2001, p.173-196.

WARD, R.W. Max Weber and the Lutherans. MOMMSEN, Wolfgang e OSTERHAMMEL, Jürgen. **Max Weber and his Contemporaries**. London: Unwin, 1987, p.203-214.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

WEBER, Max. Anticritical Last Word on *The Spirit of Capitalism*. **The American Journal of Sociology**, vol.83, n.05, 1978, p. 1105-1131 (tradução de Wallace M. Davis).

WEBER, Max. A 'objetividade' do conhecimento nas ciências sociais. COHN, Gabriel (org.). **Weber**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991, p.79-127 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n.10).

WEBER, Max. Introdução. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 11. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

WEBER, Max. **A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

WEBER, Max e FISCHER, H. Karl. La première controverse autour de L'Éthique protestante et l'esprit du capitalisme. **Debats et controverses**, número 05, 1997, p.163-190, (www.enquete.revues.org). Consultado em 10 de maio de 2010.

WEBER, Marianne. **Weber: uma biografia**. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2003.

WHISTER, Sam. O capitalismo nos debates dos contemporâneos: Sombart, Weber, Simmel. **Weber**: introdução. Porto Alegre: Artmed, 2009, p.54-80.

WINCKELMAN, Johannes. Die Herkunft von Max Weber ‘Entzauberung’s Konzpetion’. **Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie**, n. 32, 1980, p.12-53.

WINCKELMAN, Johannes. **Die Protestantische Ethick II**: kritiken und antikritiken. 4. ed. G.Mohn: 1982.

Recebido em 22/10/10

Aprovado em 10/01/11